

Anemia diseritropoiética congénita tipo III (CDA III)c

CDA III é muito rara e foi identificada, até à data, em muito poucas famílias.

O que causa a Anemia diseritropoiética congénita tipo III (CDA III) e qual a sua frequência?

É uma doença genética, descrita em duas grandes famílias no Norte da Suécia e na Califórnia.

Quais são os principais sintomas da Anemia diseritropoiética congénita tipo III (CDA III)?

Apenas é produzida uma pequena quantidade de glóbulos vermelhos normais e, em alguns casos, a semi-vida destas células, que normalmente é de 110 dias, também está reduzida. Estes factores contribuem para que haja anemia, cuja severidade é heterogénea.

Outro sintoma frequentemente associado à doença é a coloração amarela dos olhos e, por vezes, da pele. O baço vai aumentando, mas muitas vezes sem sintomatologia associada. Outras complicações possíveis são as úlceras de perna e o aparecimento, na coluna vertebral, de massas de tecido eritropoiético extramedular, que são visíveis no Rx do tórax e que colocam problemas de diagnóstico.

Duas situações clínicas que podem estar associadas a esta patologia são as doenças neoplásicas linfoplasmocitárias e, por vezes, a retina mostra linhas vasculares (angioid streaks) que podem dificultar a capacidade visual.

Qual o tratamento indicado para a Anemia diseritropoiética congénita tipo III (CDA III)?

Normalmente, nenhum tratamento especial é necessário. O doente deve ser observado por um Hematologista a intervalos regulares. São igualmente aconselhadas consultas no Oftalmologista.

Qual é o risco de transmitir a Anemia diseritropoiética congénita tipo III (CDA III) aos descendentes?

Dado que a doença se manifesta quando só um dos dois genes está afectado, cada filho tem 50% de probabilidade de herdar a doença e a propensão para desenvolver as complicações acima mencionadas.